

Apresentação a Luciano: Filósofos à venda*

Clement Rosset

A obra de Luciano apresenta uma peculiar atração para o leitor moderno. Apesar da presença repetida de temas satíricos bem convencionais, geralmente a real intenção de Luciano permanece um pouco enigmática. Verdadeiro ponto de “embate filosófico”, que pode, como em Swift ou Voltaire, fornecer alguma motivação às fabulações de Luciano, cujo escárnio parece sempre satisfazer a si mesmo, indiferente a todas as lições que poderiam ser retiradas. A originalidade de Luciano – que é grande – não reside no conteúdo de sua mensagem. É verdade que o *Diálogos dos Mortos*, o único texto de Luciano que não é totalmente ignorado pelo grande público de hoje, rendeu a Luciano a reputação de moralista sem grande relevância, de um filósofo rabugento e zombeteiro, que se destaca ao denunciar os enganadores, as falsas virtudes, os valores passageiros e ilusórios. É verdade também que este gênero de temas é encontrado em muitos outros escritos de Luciano. Resta saber se essas verdades primárias constituem o verdadeiro âmbito da obra.

A vida de Luciano pouco informa acerca do indivíduo; nós a conhecemos muito mal. Sabemos que ele nasceu em Samósata, na província romana da Síria, e que sua existência se deu aproximadamente entre os anos 120 e 200 da nossa era. Seu principal período criativo correspondente ao reinado do imperador Marco Aurélio. Sabemos também que ele foi, sucessivamente, aprendiz de estatutário, orador, professor de retórica, advogado e, no final de sua vida, um alto funcionário na administração da província do Egito. Enfim, sabemos que, além de uma longa estada em Atenas, ele foi um grande viajante, convocado a viajar por todo o mundo romano por causa de seus ofícios. Da sua vida privada, dos seus amigos, do público favorável a ele, não conhecemos praticamente nada. Da forma como ela chegou até nós, a obra de Luciano é apresentada na forma de uma centena de pequenos escritos, de aparência muito díspar, na qual sempre encontramos algo da escrita circunstancial. A única unidade que emerge desses textos é certo tom irreverente, assim como a queixa com que o autor retorna à acusação contra alguns inimigos eleitorais: “*Eu faço negócios* – disse Luciano em um diálogo no qual ele se põe em cena – *para odiar a fanfarronagem, o charlatanismo, a*

* Traduzido por André Pereira de Almeida (Doutor em Filosofia pela UFRJ) do original: Rosset, Clément. *Présentation à Lucien: Philosophes à vendre*. Paris: Éd. Jean-Jaques Pauvert, 1965, p. 7-20. Contato: andreidt@gmail.com

*mentira, o orgulho e toda a desova de homens infectados com estas vidas*¹.” Quais são exatamente os homens que Luciano persegue? De um modo geral, são os filósofos – especialmente os estoicos –, os adutores de todos os tipos, os historiadores, os oradores, os médicos, os espíritos supersticiosos e fanáticos, os charlatães, os ricos e os tolos. Em todos, Luciano repreende, basicamente, uma só e mesma coisa, que atravessa como um *leitmotiv*, todo o seu trabalho: ao tema da relatividade acrescenta-se sempre o da morte. Todos os mentirosos tomados por Luciano têm algo em comum, eles ignoram a morte. A primeira questão que surge, portanto, para o espírito do leitor de Luciano, é saber o que é, para Luciano, o escopo e o significado da morte. Existem duas leituras possíveis de Luciano. Para simplificar as coisas, digamos que há a leitura moral e a leitura cética. Uma longa tradição, humanista e cristã, sempre foi unida à leitura moral. Luciano é no fundo um moralista que apenas critica os “falsos valores” a fim de salvar os verdadeiros. Seu ceticismo só ri na presença do risível, só despreza em função do desprezível: a saber, o respeitável (que supõe o desprezível) – será o que queremos segundo as opiniões do leitor – é seguro. A leitura cética, pelo contrário, profundamente mais negativa, não deixa nada de respeitável ser percebido sob o escárnio. Esta ambiguidade se reflete na imagem que Luciano fornece da morte. Vejamos como Luciano se expressa, em uma das inúmeras páginas consagradas à morte: “*Pareceu-me que a vida dos homens é uma longa procissão, da qual a Fortuna ordena e regra as fileiras, atribuindo a cada um daqueles que a compõem seus diferentes trajés. Aleatoriamente ela pega um, veste-o como rei, coloca-lhe uma tiara na cabeça, dá-lhe uma escolta, cinge-lhe um diadema na frente; ela põe em outro o traje de um escravo. Para aquele as graças da beleza, enquanto torna este feio e ridículo: pois é preciso variedade no espetáculo. (...) Mas, quando acaba a procissão, cada um aparece, e despindo suas roupas emprestadas, torna-se o que era antes, sem diferir em nada do seu do vizinho*².”

Este texto, de aspecto límpido, eco distante, digamos equivocadamente, de clichês estoicos, traz toda a problemática da leitura de Luciano. Conhecemos a ambiguidade: ou a morte é uma experiência metafísica – leitura moral – uma espécie de farol que ilumina a vaidade de todos os bens efêmeros, uma lição que nos prescreve a desprezar o passageiro e o instável (o que implica que entendamos que existem bens

¹ *O Pescador ou os Ressuscitados*.

² *Ménippe ou la Necromancie (Menipo ou a Necromancia)*, § 16.

estáveis); ou então – leitura cética –, a morte é o que unifica: o que significa que a realidade fundamental é a uniformidade, que tudo é igual, sempre, para sempre e desde sempre, que aquilo que momentaneamente se destaca é apenas um acidente ilusório sob o pano de fundo da eterna monotonia de todas as coisas.

Esta segunda leitura da morte parece mais fiel às outras de Luciano. No mundo de Luciano os mortos caminham, falam e discutem entre si: mais do que os mortos, são os homens que recuperaram sua uniformidade original. Para dizer a verdade, eles são viventes mais reais do que os vivos comuns que passam seu tempo se escondendo e se disfarçando. E esta “morte” reveladora lança luz sobre a zombaria constante de Luciano em relação a todos os seus charlatães: os charlatães são aqueles que ainda acreditam na diferença, que ela é capaz de trazer coisas novas na doença e na morte; para o filósofo, de acreditar que ela traz algo novo no conhecimento; para o rico, que sua riqueza lhe proporcionará uma renovação da felicidade.

Posto isto, apressamo-nos em acrescentar que o fundamento da sátira, seja ele qual for, não é original para Luciano. Muito mais pessoal é o modo da sátira, como concebido por Luciano; que conhece, muitos séculos depois, uma riqueza extraordinária. Sem dúvida, Luciano inspira-se às vezes num viés de piada que não teme os efeitos grandiosos. Mas ele também é o inventor de certos procedimentos satíricos cujo fim panfletário não será percebido até o início do século XVIII. A este respeito, Luciano pode ser considerado como o criador do panfleto moderno, tal como será inaugurado na Europa pelas *Cartas Persas* de Montesquieu.

É assim que ele é o primeiro a recorrer constantemente ao famoso “ponto de vista de Sirius”, que deleitará os filósofos do século das luzes. A ideia de um ponto de vista objetivo buscado fora de qualquer apego terrestre e cotidiano, de uma censura fundada num rompimento absoluto ao meio, que é considerada exatamente, pertencente ao próprio Luciano, – mesmo que ele provavelmente não acredite nessa noção de objetividade, pelo menos como foi entendida a partir do século XVIII. No trágico *Júpiter*, Luciano, o primeiro viajante da longa descendência dos bons selvagens e outros habitantes de Sirius que florescerão dezesseis séculos depois, deixa a Terra para contemplar as coisas de cima e de longe, a fim de avaliar, com conhecimento de causa, o que constitui o fundamento das atividades e disputas humanas. Esta objetividade pode ser encontrada em outro lugar, no coração de um simples ato: nos *Filósofos à venda*,

decidimos – de um alto lugar – vender os filósofos em leilão. Quem vai querer Sócrates, Pitágoras, Diógenes, e a qual preço?

Luciano igualmente possui um senso muito agudo de ironia fria e regressiva, de uma seriedade imperturbável sob a qual se podem esconder os absurdos mais extremados: qualidade que nos evoca mais especificamente ao autor, que é de longe aquele cujo gênio se aproxima mais ao de Luciano; Swift, particularmente o de *Uma Proposta Modesta* e o das *Instruções para os Criados*. Luciano se destaca ao expor friamente as consequências que resultam inevitavelmente de um dado absurdo, ao usar a mais rigorosa argumentação acadêmica para servir uma causa cujo Campeão se destaca ao ver todos os aspectos, exceto a estupidez profunda. Em *O Ofício do Parasita é uma Arte*, encontra-se a paródia mais deslumbrante e perspicaz dos diálogos de Platão que já foi escrita. Uma defesa do parasita calcou de perto a abordagem platônica, pelo menos seus defeitos e seus tiques: divisão estrita de noções debatidas, barulho dialético, avalanche de exemplos e comparações estranhas aos problemas discutidos, desenvolvimento vertiginoso de argumentos lógicos demais para serem honestos, força vinculante, mas não convincente das conclusões, nada falta, nem mesmo o humor de Platão, mas ele destrói a si mesmo ao aparecer como um processo.

Todos esses dons satíricos apresentam um problema de interpretação delicado. Não há dúvida de que o recurso ao ponto de vista de Sirius, a ironia em detrimento da própria ironia, não é nada além de armas de panfletagem por excelência. Mas quem diz panfleto, diz lutar: e sabe de que maneira aqueles que lideraram a luta filosófica utilizaram essas armas. O problema é menos simples no caso de Luciano. Luciano usa essas armas – se ele realmente as usa – isto é indecifrável. Se ele combate e, em princípio, a obra de Luciano almeja ser combativa, é contra o charlatanismo. A partir de então, é possível encontrar a imagem clássica do Luciano moralista, precursor de Voltaire, que esconde um empreiteiro são como o destruidor dos falsos valores: *“Lançados juntos num mesmo molde, esses dois espíritos³ são produzidos, um e outro, por formas literárias afortunadamente inovadas, e por um caráter comum de ceticismo e escárnio, que muitas vezes ocultam um pensamento sério e até mesmo uma moral excelente. (...) Pois este é um primeiro traço de seu parentesco que esta facilidade de*

³ Luciano e Voltaire.

compreender tudo, discutir tudo sob mil formas diversas, com uma filosofia constante e firme na base.”⁴

Dissemos acima: uma tradição toda poderosa se uniu há muito tempo a esta imagem de Luciano. Não acreditamos, no entanto, que ela seja compatível com o que conhecemos de sua obra. Procuramos em vão no autor dos *Filósofos à venda* e do *Banquete* uma base de “filosofia constante e firme”; em vão também, “um pensamento sério e até uma excelência moral”. Luciano não se presta a essa interpretação por debaixo da sátira a que os panfletos do século dezoito nos habituaram. Além disso, se há algo que Luciano execra, é a própria ideia de combate – e, ao emprestar-lhe uma intenção, arriscamos privá-lo de uma originalidade melhor. Não há mensagem em Luciano. Querendo ultrapassar a disposição do espírito satírico, isto é, pesquisando sob a sátira alguma “razão” que pode lhe servir de fundamento, apenas mostramos que não compreendemos a natureza de seu ceticismo. Em um dos Diálogos dos Mortos, Quíron declara a Menipo: “*Ainda vivo, eu nunca deixei de ver os mesmos objetos, o sol, a luz, tudo o que serve para a vida: as horas sucederam idênticas, os eventos seguiram e sempre foram acorrentados um ao outro: estou saciado, não por causa do que sempre é, mas no que varia sem cessar, que é o verdadeiro prazer*”⁵.

Mas Luciano não acredita na existência da mudança, a única coisa expressível aos seus olhos é o mesmo. Isto é um inferno: com os mortos, tu encontrarás a monotonia, retrucou Menipo à Quíron; a diversidade é impossível. Neste inferno uniforme é permitido, sem dúvida, tentar se divertir, e Luciano não se priva disto – mas não pode haver luta.

Aqui é revelado o caráter peculiar do panfleto em Luciano. Neste mundo onde seria falso tentar mudar alguma coisa, o panfleto está ali para distrair, não para combater. Estamos na presença de uma literatura satírica situada na extremidade oposta do espírito de panfletagem: Luciano não tem que provar nada, nem dizer nada. Daí, precisamente, o interesse de Luciano: exemplo, talvez único, da sátira do panfleto pelo panfleto, do panfleto natimorto. Esta atitude paradoxal, por outro lado, esclarece muitas das características literárias de Luciano. Assim se explica, por exemplo, a função da paródia. Luciano, como sabemos, parodia sem cessar: dificilmente há uma página na qual não apareça um pastiche de Homero, de Aristófanes, dos Trágicos, de Heródoto, de

⁴ E. Egger, *Memórias de literatura antiga*.

⁵ *Dialogues des morts (Diálogos dos mortos)*, 26, § I.

Platão. Parodiando deliberadamente, Luciano é a prova viva de qualquer criação também é repetição.

Indiferença, ateísmo, ceticismo, são em última análise, palavras impróprias para descrever o estado de espírito de Luciano. Pois há algo mais profundo do que tudo isto, é a própria existência do mundo, que se espalha por toda parte, sem ordem, obsessiva em sua uniformidade. A banalidade dos insultos, a debilidade das paródias, com Luciano tudo isto é investido de um valor original; ele copia o mundo e, se é insípido e enfadonho, é porque foi bem sucedido na sua cópia. A inutilidade quase agressiva de seus escritos, que frequentemente os tornam indecifráveis, tem uma função: é para ser “assim”. Luciano odeia todos os filósofos; mas há entre eles um grupo ao qual ele tem um desprezo particular: o dos Estoicos. Será por puro acaso? As disposições do espírito que evocamos, se forem as de Luciano, são naturalmente acompanhadas por uma aversão especial à filosofia da ordem, da vontade e da Providência toda poderosa. Os elementos da filosofia estoica são, em todos os aspectos, a encarnação de tudo o que Luciano abomina.

O caráter panfletário gratuito também é explicado por considerações históricas. Luciano, quer “julgasse” ou nomeasse sua obra, não conseguiu deixar de ficar isolado, escrevendo no século de Antonino, o Piedoso, e de Marco Aurélio. Seus temas cétricos não conseguiam encontrar a ampla audiência com a qual contavam Swift ou Voltaire. No segundo século de nossa era, a renovação religiosa estava na ordem do dia, e as superstições de todos os tipos eram encorajadas pelas autoridades públicas, que davam o exemplo. Enquanto Luciano ridicularizava os deuses, o mestre do mundo romano, o imperador Marco Aurélio, fazia todas as noites seu exame de consciência e ficava preocupado, como bom estoico, de sempre estar de acordo com o todo poderoso Zeus –, um pouco à maneira do General Eisenhower. A única audiência que Luciano podia almejar alcançar era a de alguns pequenos círculos de incrédulos e letrados, a quem ele deveria encontrar aqui e ali, ao acaso de suas peregrinações. Foi por causa deles que ele escreveu; e quanto a uma audiência qualquer no seio de um público menos restrito, Luciano não se importa, provavelmente porque não poderia haver dúvida. Isto nos explica, de uma vez só, o desprezo pelo leitor que sempre sentimos em Luciano, e a fraca influência de sua obra em seu tempo e nos séculos que se seguiram. Estas circunstâncias nos colocam, enfim, na via de quais devem ter sido as condições em que Luciano escreveu suas obras. Podemos conjecturar – o tamanho dos textos – sempre

suficientemente modestos, o autorizamos – que se tratam frequentemente de escritos previstos para o final de uma refeição que reúna os amigos “entre eles”. Sabíamos que Luciano ceava e esperamos impacientemente pelo momento em que Luciano faria a plateia rir lendo seu último panfleto, que certamente trataria de um assunto da atualidade. As obras de Luciano combinam muito bem com essas leituras de pós-refeição. Sempre há nele alguma coisa do “orador”. Este talento de orador esclareceria seu aspecto mais notável: o paladar de seu tom, do tom verdadeiro de Luciano que não é o de um moralista, mas o de um indiferente que jantou bem, e se dirige a seus amigos. Este tom próprio de Luciano é o de uma irreverência entre íntimos: ele é sempre dirigido aos iniciados, ele supõe suas conviências, ele calcula suas reações com antecedência. Para ler Luciano é necessário adentrar num pequeno círculo, pois é preciso entrar num salão reacionário dos anos de 1880, para ler com prazer Barbey d'Aurevilly.

Dissemos que Luciano nunca levou ao limite seu pensamento, nem nunca se preocupou em ser totalmente convincente. Nós nos queixamos⁶. Este descuido tem seu charme e sua razão. Luciano não gosta de discutir: ele sempre suspeita de algo vulgar na prova. Muito educado para bater, disse Nietzsche. Luciano, um escritor dito “menor”, é valoroso pelo humor que emerge de sua proposta “alvo limite”, que negligencia o uso de armas poderosas que ele sabe estarem disponíveis, mas que pressente irrisórias, caso tivesse de usá-las devidamente. Ele prefere continuar rindo e não provar nada, mesmo quando necessário, não diz nada: qualidade original, o que por si só seria suficiente para nos incitar a estudar seu caso –, um caso raro na literatura, e provavelmente único na literatura panfletária.

Recebido em 10/02/2019

Aprovado em 10/04/2019

⁶ Por exemplo, Maurice Croiset, em seu *Ensaio sobre a vida e as obras de Luciano*.